

QUESTÕES DE IDENTIDADE NO CONTO *VÔVÔ BARTOLOMEU*, DE ANTÓNIO JACINTO  
ISSUES ON IDENTITY IN THE SHORT STORY *VÔVÔ BARTOLOMEU* BY ANTÓNIO JACINTO

Marta de Oliveira Fróis da Silva  
Elisabeth Battista

**Resumo:** Esta abordagem visa analisar o conto *Vôvô Bartolomeu* (1979), de António Jacinto na tentativa de evidenciar algumas questões de identidade que se destacam na narrativa, a fim de levantar aspectos que dialogam com proposições de Julio Cortázar (1993) quando este salienta a importância da escolha do tema de um conto, de modo que esta escolha transcenda alguma coisa para além do próprio conto. Além disso, buscaremos identificar como o processo narrativo é construído no conto, tendo como sustento teórico as contribuições de Walter Benjamin (1994). No que tange ao momento histórico vale evidenciar que Angola vivenciou um período longo de colonização imposta por Portugal e que é, portanto, por meio de seus escritores que o país pode ser representado de maneira mais contundente que nos fatos registrados em documentos oficiais, pois as narrativas e versos angolanos apresentam o brado desses bravos intelectuais que lutaram por emancipação e liberdade. António Jacinto é um desses escritores que, por meio da literatura, soube resistir ao jugo português.

**Palavras-chave:** Identidade. Narrador. Angola. Colonização.

**Abstract:** This approach aims to analyze the short story *Vôvô Bartolomeu* (1979), by António Jacinto in the attempt to show some identity issues that stand out in the narrative, in order to raise aspects that dialogue with propositions of Julio Cortázar (1993) when he stresses the importance of choosing the theme of a story, so that this choice transcends something beyond the story itself. In addition, we will seek to identify how the narrative process has been built into the story, having as theoretical support the contributions of Walter Benjamin (1994). Regarding the historical moment it is worth highlighting that Angola experienced a long period of colonization imposed by Portugal and which is therefore by its writers that the country can be represented in a more forceful way than in the facts recorded in official documents, because narratives and Angolan verses present the cry of those brave intellectuals who fought for emancipation and freedom. António Jacinto is one of those writers who, through literature, managed to resist the Portuguese domain.

**Keywords:** Identity. Narrator. Angola. Colonization.

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Estudos Literários pela UNEMAT-Universidade do Estado de Mato Grosso – Brasil. 78.300-000, Tangará da Serra – MT / Brasil, marfrois@hotmail.com.

Doutora Elisabeth Battista, professora do PPGEL – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso.

---

### Considerações preliminares

António Jacinto do Amaral Martins, filho de um casal de colonos da Alfândega da Fé, nasceu em Luanda em 1924 e faleceu em Lisboa em 1991, aos 67 anos de idade. Reconhecido principalmente como poeta de protesto, foi também contista, porém, assinava suas produções como Orlando Távora. Devido à sua militância política contra o regime fascista e o colonialismo, foi condenado a 14 anos de prisão, dez dos quais cumpridos no campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde. Portanto, segundo Manuel Ferreira “quando solto, o poeta, fixa residência em Lisboa, ilude as malhas da P.I.D.E e vai ao reencontro de seus camaradas de luta nas matas de Angola”. (FERREIRA, 1977, p. 20). Com a independência angolana, em 1975, António Jacinto foi nomeado Ministro da Educação e Cultura de Angola, cargo que ocupou até 1978. Suas obras são: *Poemas* (1961), *Vôvô Bartolomeu* (1979), *Poemas* (1982, ed. Alargada), *Em Kilunjeddo Golungo* (1984), *Sobreviver em Tarrafal de Santiago* (1985); *Prometeu* (1987) e *Fábulas de Sanji* (1988). (JACINTO, 2004, p. 52).

Escritor e grande intelectual, António Jacinto foi um dos grandes mentores angolanos que buscaram a libertação de seu país sob o domínio de Portugal. Por meio de sua escrita, Jacinto impulsionou no coração dos jovens angolanos, uma reação ao sistema colonial que perdurou por mais de cinco séculos em vários países africanos, sobretudo em Angola. A libertação colonial, neste país, ocorreu no ano de 1975 sendo que muitos movimentos foram agentes motivadores desta concretização.

Um destes movimentos foi o MNIA- Movimento dos Novos Intelectuais de Angola que surgiu em 1948, por meio da luta António Jacinto juntamente com Agostinho Neto e Viriato da Cruz se organizaram sob o brado “Vamos descobrir Angola”, o qual tinha como objetivo defender uma redescoberta da nacionalidade africana indo contra a dominação colonial que



assolava o país tirando-lhe a identidade. (ABDALA JUNIOR, 2006, p. 213). Jacinto pode ser considerado o poeta da reação, pois denunciou por intermédio de suas produções, o jugo imposto pelo colonizador ao povo angolano.

Os escritores angolanos foram os intelectuais de seu tempo, os quais, lutaram contra a repressão portuguesa que tentava acabar com toda forma de luta pela libertação de Angola. A escrita foi, portanto, uma arma poderosíssima contra o regime opressor, tanto que Manuel Ferreira (1977) destaca a importância destes intelectuais na armadura contra o regime que massacrava o povo, tolhendo-lhe os seus direitos:

Eis como simbolicamente, e nesse tempo de clandestinidade contínua, se exprimia o sentimento e se projectava o sentimento nacional – e mais: se prenunciava a luta pela libertação. É, de resto, diga-se desde já, a ideia motora que vai presidir a todas as tarefas a que se devotarão, daí em diante, os mais lúcidos e determinados escritores angolanos. (FERREIRA, 1977, p. 16).

Assim, a literatura foi um dos meios encontrados para denunciar o regime de opressão da época, bem como, a forma de representar o cenário e registrar a luta e resistência diante daquele contexto de colonização. Por meio da literatura a nação angolana pode se ver representada, especialmente, nas letras jacintianas que apresenta a identidade de seu povo. Manuel Ferreira (1979), apresenta António Jacinto como sendo o primeiro escritor a concretizar sua indignação com o sistema colonial tendo como subsídio a arte literária:

Demais, avançaria que António Jacinto teria sido o primeiro angolano a debitar na escrita o sentido dialéctico que tece a profunda e irreversível transformação da sociedade. Homem e escritor no percurso de uma vida inteira se plasmaram numa personalidade unívoca: assim na sociedade assim na literatura. (FERREIRA, 1979, p. 9).

Portanto, a fim de discutir essas representações buscaremos apresentar o enredo do conto *Vôvo Bartolomeu*, o qual denuncia algumas das atrocidades



presentes no momento de produção e instiga o leitor a outros olhares sobre a identidade do povo angolano.

Vôvô<sup>1</sup> Bartolomeu vivia numa aldeia junto com seu neto e outros integrantes incluindo homens, mulheres e crianças. Os homens e as mulheres estavam trabalhando guardando o milho que haviam colhido, enquanto as crianças brincavam. Vôvô Bartolomeu começou o dia observando o céu e percebeu que choveria logo, de modo que avisou aos outros que deveriam recolher o milho até ao meio dia. Enquanto isso, Vôvô entra na cubata, termo utilizado para se referir às casas, e começa a contar uma história para as crianças, narrativa esta que contava todos os dias em que viria chuva.

Ao iniciar a chuva os homens começam a trabalhar com mais afinco no intuito de salvar o milho, porém, neste momento cai um raio justamente na cubata em que o milho estava sendo guardado. O milho começa a queimar para desespero dos integrantes da aldeia. Todos ficam tristes, as mulheres e crianças começam a lamentar e a gritar. Neste momento Vôvô Bartolomeu põe a mão no ombro de seu neto, o narrador do conto, demonstra um ar conformado com a situação, mesmo ao ver todos os seus esforços serem perdidos, de modo que afirma ao menino que esta era “sorte de preto”. O jovem garoto fica pensativo e começa a ir contra à conformidade do avô, refletindo que ele não iria se conformar assim com aquela “sina”, pois aquela terra tinha força, e ele também teria a força necessária para recomeçar. O conto termina com o menino narrador afirmando que no outro dia ia limpar, com toda sua força, a lavra do café. António Jacinto ao terminar o conto com a opção do menino de recomeçar a vida por meio do trabalho, limpando a lavra de café, revela a persistência do jovem, a esperança na vida diante do desconsolo do velho vôvô Bartolomeu.

---

<sup>1</sup> Optamos por ser fiel à grafia do vocábulo vôvô, tal qual, descrito no conto de António Jacinto.



Acreditamos que o enredo acima descrito, nos dá subsídio para compreendermos que António Jacinto foi um escritor que pensava África, que internalizava e denunciava a condição sofredora de seu povo de uma forma criativa e reveladora. Por meio de sua produção o autor denuncia as injustiças do contexto de produção e anuncia a criação de uma nova sociedade, aspectos que buscaremos desenvolver por meio da análise do conto supracitado.

### **O olhar jacintiano diante da colonização**

A narrativa Vôvô Bartolomeu, escrita em 1946 e publicada em 1979, conforme já descrito, inicia-se com uma premonição de Vôvô Bartolomeu de que choveria em sua aldeia ao meio dia. Trata-se do conhecimento empírico, o saber popular tão em desuso nos tempos atuais, mas que fazia parte da tradição angolana na época, vejamos:

Vôvô Bartolomeu desde manhãzinha que olhava o pardacento céu, enrugando a já bem engelhada testa.

\_ Vôvô, que é que você está ver no céu?

\_ Estou vendo uma coisa que você vai ver só, logo no meio-dia, e que a estas horas já chegou lá no sô Luca. (JACINTO, 1979, p. 19)

Após a queima do milho na cubata, Bartolomeu diante do acontecido opta pela conformação; diferente do menino que assume uma postura de negação e reação ao seu destino. É importante destacar, que há entre o personagem principal e o narrador a ideia espiraloide destacada por Sérgio Motta (2006), pois percebe-se o conflito de gerações que existe no entrelaçamento entre a velhice e a infância, de modo que há um movimento de circularidade no plano das personagens em que os movimentos integrantes da narrativa faz com que haja os atos de integração (alto) ou desintegração (baixo) dos personagens dentro da movimentação do enredo. Segundo Motta: “No plano das personagens, [...] o movimento para o alto diz respeito à integração



de um herói à sua sociedade; o movimento contrário conduz a personagem principal da narrativa a um estado de rebaixamento ou isolamento.” (2006, p.55). Vôvô Bartolomeu sendo o personagem principal traz este rebaixamento ao se conformar com sua situação: “Sorte de preto”, enquanto que o menino narrador vai integrar à sua comunidade de maneira que buscará não se intimidar diante de tudo que representa a perda de todo o milho: “Não, eu não ia ficar assim parado a pensar na sorte de preto que vôvô falou. Não. Aquela terra tinha força. Eu também”. O menino narrador integrará na comunidade, destacando-se como um herói que não aceita a condição alienada em que o povo angolano se encontrava naquele momento.

A escrita jacintiana toma ainda como referencial de fortalecimento de identidade traços da linguagem oral do povo angolano, já que no conto é possível verificar o hibridismo linguístico, ou seja, a presença de duas línguas na escrita da narrativa: “Mano Santo iá kifumbé / Eh! Eh! Eh! Eh!”. Este trecho que inicia a narrativa é parte de uma música cantada por Vôvô Bartolomeu. Portanto, convém que voltemos ao Movimento de 1948, já explicitado neste trabalho, em que os escritores buscavam uma literatura nacional, de angolanidade, sem as marcas do colonizador. Desta forma, assim como nos poemas, Jacinto utiliza na narrativa expressões em kimbundo para africanizar a língua portuguesa e/ou reafirmar sua busca por uma identidade angolana que se perdeu nos meandros da colonização portuguesa.

Quando falamos em africanizar a Língua Portuguesa concordamos com Calzolari quando ressalta que na escrita de António Jacinto, especialmente no conto em foco:

Podemos notar a quimbundização da narrativa desde a sua epígrafe, oriunda de uma canção típica angolana, passando por termos como “tunda”, significando “saia” do verbo sair, interjeições locais como “aia”, e onomatopeias prenunciadoras de temporal (“Tr... Tr... / Tuá... Tuá... / Vai ou não vai? / Vaáiiii...”). (CALZOLARI, 2006, p. 38).



A opção de Jacinto por escrever expressões em kimbundo denota uma forma de resistência diante do colonizador, pois neste contexto o uso da língua nativa era proibido entre os angolanos, de forma que deveriam utilizar somente o português. A literatura era, portanto, a arma que estes escritores tinham de utilizar a língua nativa sem sofrer as consequências do regime opressor no qual estavam expostos.

Outro ponto a se destacar é a metalinguagem, que é a linguagem utilizada para descrever ou falar sobre uma outra linguagem (HOUAISS, 2009, p.1282), pois dentro do conto *Vôvô Bartolomeu*, há uma pequena estória narrada pelo próprio vôvô que toma a voz na narrativa e expõe a estória. Ou seja, Jacinto escreve o conto, que possui um narrador, o menino, e dentro desta narrativa do conto maior, traz uma estória menor; há aqui a linguagem do conto que explica e conta uma outra linguagem, outra estória. A pequena narrativa vem entre aspas, dentro da narrativa maior, sendo tão curta que vale transcrevê-la na íntegra:

Quando tia Mariquinhas foi em Luanda como lavadeira, veio para a sanzala com a mania de pessoa fina e a dizer que já não sabia Kimbundo.

Uma vez começou a chover e a tia Anica disse:

\_\_ Eué! Nvula uiza!

E a tia Mariquinhas repreendeu:

\_\_ Ai, dona! Não fala assim, na língua de pessoa se diz assim: *está chovar!* (JACINTO, 1979, p. 24-25).

O foco central desta pequena narrativa está relacionada diretamente à literatura oral, existente antes mesmo da colonização, quando os países africanos eram ágrafos, portanto isto demonstra que estes países já possuíam uma cultura própria com seus valores, e conseqüentemente uma literatura própria. A única diferença é que as estórias eram transmitidas oralmente para os integrantes da aldeia. Dentro destas comunidades os mais velhos eram quem contava as estórias de forma que para Calzolari (2006):



As narrativas sempre contadas pelos mais velhos, os *griots*, guardiões do saber, ao redor das fogueiras, em que todos podiam intervir com perguntas. Para respondê-las o *griot* tinha de encaixar na estória que contava uma nova estória, muitas vezes fazendo com que a narrativa tomasse outro rumo. (CALZOLARI, 2006, p. 39).

Portanto, Vôvô Bartolomeu se torna o *griot* da aldeia ao narrar esta curta estória da tia Mariquinhas, quando esta ao sair de sua aldeia, para trabalhar em Luanda, já não quer mais falar como seu povo, ela agora tenta corrigir a fala dos demais, pois “na língua de pessoa”, ou seja, do colonizador português se diz “está chovar”. Percebamos que Mariquinhas ao se direcionar ao colonizador como *pessoa*, termina por deixar sua gente em segundo plano, talvez até ficando implícito que eles, os angolanos, não seriam pessoas, mas somente o colonizador.

É importante destacar como a imagem do outro, do colonizador, se reflete no olhar da tia Mariquinhas. Esta personagem traz o que Machado e Pageaux (2001) discutem em seu texto “Da imagem ao imaginário”, ao abordar que há quatro atitudes fundamentais que regem a representação do Outro, e que acabam consistindo também em passos para a elaboração de uma imagem do estrangeiro. De acordo com os autores são as atitudes de “mania”, “fobia”, “filia” e “cosmopolita”. Descreveremos aqui a atitude da mania por entendermos que foi o que Tia Mariquinhas internalizou, pois nesta concepção:

A realidade cultural estrangeira é tida [...] como sendo absolutamente superior à cultura nacional de origem; esta superioridade afecta toda a parte da cultura estrangeira. [...] a consequência, no plano da cultura de origem, é que ela é tida por inferior, total ou parcialmente. (MACHADO; PAGEAUX, 2001, p. 61).

Tia Mariquinhas ao dizer que “na língua de pessoa” se diz “está a chovar” reflete e exalta a imagem do colonizador como superior a sua realidade cultural angolana. A personagem transmite um olhar de inferioridade a sua própria cultura, bem como de todo o seu povo, pois ela quer falar como *gente*,





não quer mais trazer a língua materna em seu linguajar porque para ela o modo de falar português seria mais importante, portanto, aos seus olhos, os portugueses sim seriam pessoas. Notamos que o contexto da colonização refletiu, no imaginário desta personagem, uma conformação de estar subjugada, não se importava com a sua subalternidade, mesmo quando estava rodeada de sua família buscava ressaltar a identidade do estrangeiro em detrimento da sua.

O conto é uma obra de ficção em que há um narrador, personagens, ponto de vista, enredo e se define também por ser um gênero de curta extensão, com tempo e espaço bem delimitado. No conto em análise, os personagens principais são o Vovô Bartolomeu, o menino (narrador) e os personagens secundários, os moradores da aldeia. Para Cortázar “o tempo e o espaço do conto têm de estar como que condensados, submetidos a uma alta pressão espiritual e formal”. (1994, p. 152). Portanto, o contista deve saber que não tem o tempo e espaço como aliados, portanto, seu trunfo deve estar no tema escolhido para escrever sua narrativa. Nesse sentido, Cortázar enfatiza que:

O elemento significativo do conto deve residir principalmente no seu *tema*, no fato de se escolher um acontecimento real ou fictício que possua essa misteriosa propriedade de irradiar alguma coisa para além dele mesmo, de modo que [...] se converta no resumo implacável de uma certa condição humana, ou no símbolo candente de uma ordem social ou histórica. (CORTÁZAR, 1993, p. 153).

O tema escolhido por António Jacinto foi a colonização e a resistência do povo angolano, tendo como elementos fundantes da narrativa, de um lado a ideia de conformidade na personagem de vovô Bartolomeu e tia Mariquinhas, de outro a ruptura e força de renovação representada pela força do menino narrador da estória. Jacinto escolheu este contexto histórico de Angola para representar a condição de penúria do povo angolano. A queima do milho representa a perda de tudo e, conseqüentemente, a falta do dinheiro para pagar



os impostos. Dessa forma, os angolanos a partir da perda passarão a ser contratados, ou seja, serão obrigados a ir para as roças dos portugueses a fim de trabalhar para pagar os impostos à coroa portuguesa. António Jacinto nesta representação irradiou algo para além dele mesmo, soube converter a condição de Angola em um registro literário que representa a realidade do seu povo.

O fogo que devora o milho surge como aquele que veio para destruir as esperanças de um povo tão subjugado, mas que pode também ser um presságio de renovação. Segundo Chevalier (2015):

Assim como o Sol, pelos seus raios, o fogo simboliza por suas chamas a ação fecundante, purificadora e iluminadora. Mas ele apresenta também um **aspecto negativo**: obscurece e sufoca, por causa da fumaça; queima, devora e destrói[...] (CHEVALIER, 2015. p. 443, grifo do autor\*).

O que primeiro o fogo faz é devorar todo o milho que foi guardado na cubata, destruiu os sonhos dos trabalhadores que arduamente trabalharam, sufocando assim todas as suas esperanças. Mas, o fogo, conforme Chevalier (2015) representa também algo que vem para purificar e iluminar o que estava escondido, sufocado, representado na narrativa pela força que revigora as esperanças por meio do menino. Para nós, o fogo representa o momento histórico da colonização que chegou e retirou toda a identidade e a cultura do povo angolano, porém, por meio dele também veio a purificação, reanimando a garra e a vontade do povo em lutar contra esta dominação portuguesa.

Segundo Chevalier: “Entre os astecas, **Tlaloc**, deus da chuva, é também o deus do trovão e do raio[...]. Sabe-se que o raio, como a chuva, tem valor de semente celeste.” (2015, p. 236). Desta forma, entendemos que a chuva ao trazer o raio, que trouxe o fogo, traz também uma semente de esperança para o menino narrador do conto, pois: “A chuva corria como rio lá ao fundo naquela baixa. E os paus de café estavam lavados, estavam verdes, estavam bonitos, [...] Amanhã eu ia mesmo, com a minha força toda, limpar a lavra do café.” (JACINTO, 1979, p. 31). Mesmo que o fogo destruiu todo o milho ainda



restava a esperança do recomeço, pois a chuva veio e fecundou a terra para poderem continuar a luta dos trabalhadores, agora, nas roças de café.

Levando em consideração a estrutura do conto, torna-se oportuno destacar o papel do narrador da obra que tem função preponderante no interior da narrativa. Para tanto, buscaremos nos embasar nas reflexões apresentadas por Walter Benjamin (1994) em seu texto: “O narrador”, onde apresenta uma reflexão sobre o desaparecimento do narrador na história da civilização. O autor discorre sobre a importância da narrativa e traz algumas observações bastante pertinentes sobre a sabedoria, informação e experiência adquiridas pelo saber empírico. Benjamin toma como referência o escritor Nikolai Leskov, a fim de defender a tese de que a arte de narrar histórias está em extinção.

Ainda para Walter Benjamin (1994, p. 198), a guerra fez com que os combatentes ficassem mais pobres, sem experiência comunicável. Porém, acreditamos que o narrador ainda pode existir, especialmente nas comunidades orais. Vovô Bartolomeu é o narrador que sobrevive mesmo diante de um contexto histórico tão subjugado que foi a colonização. Quando ele narra a história da tia Mariquinhas salienta a reflexão de que o viver com outra gente pode influenciar no apagamento da própria cultura, pois ao ir para Luanda a fim de trabalhar como lavadeira, na casa do colonizador, Mariquinhas volta “diferente”, não quer mais falar alguns termos da sua língua materna. Ela se deixou levar pela situação opressora em que vivia, contribuindo no anulamento do seu dialeto local.

Vovô Bartolomeu alegrava os dias e as noites de seu povo contando estórias. Esta atitude exigia todo um ritual, pois era ao redor da fogueira que todos se reuniam para ouvir as suas estórias: “E vovô Bartolomeu entrou arrastadamente na cubata, donde saía um fumo bom de fogueira quente.” (JACINTO, 1979, p. 20). Assim, o contador de estórias utiliza da memória,



registro das coisas que vivera, para narrar à comunidade seus conhecimentos e experiências. Dessa forma, acreditamos que: “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cujas buscas são uma das atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade [...]. (LE GOFF apud MAQUÊA, 2007 p. 28).

Ao buscar fortalecer a identidade do povo angolano, Jacinto apresenta a sabedoria do vovô Bartolomeu que por meio do contar histórias busca manter viva na comunidade a cultura e a tradição de se sentar ao redor da fogueira e ouvir as histórias de alguém mais velho, o *griot* da comunidade. A identidade é, dessa maneira, entendida como um processo de construção de um sujeito, de um povo que estejam historicamente situados. O contexto social da colonização serviu como combustível propulsor de novas forças para o fortalecimento da identidade do povo angolano.

Segundo Benjamin há dois tipos de narradores os que vêm de longe (figura do marinheiro comerciante) e o narrador que vive sem sair de seu país, e conhece bem a tradição (figura do camponês sedentário). Assim, acreditamos que Vovô Bartolomeu é este último narrador, o que nunca saiu de suas terras e que em sua comunidade oral ainda conta histórias ao seu povo, pois: “No muxito, os pássaros da chuva, contentes, estavam a fazer: pílulas, pílulas, pílulas... e na cubata vovô Bartolomeu contava na miudagem uma história que ele contava sempre todos os dias quando estava para vir chuva.” (JACINTO, 1979, pg. 24). Ainda existem narradores, como vemos no conto em análise, que mesmo sendo de ficção deixa-nos o saber de que em Angola, no período da escrita do conto, 1946, ainda existia o contador de história que buscava por meio da narrativa valorizar a cultura e fazer submergir a identidade angolana por meio da oralidade.

Acreditamos que Vovô Bartolomeu representa o narrador apresentado por Walter Benjamin (1994) quando este enfatiza que:



O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é conta-la *inteira*. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. [...] O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo. (BENJAMIN, 1994, p. 221).

Walter Benjamin nos trouxe a imagem do narrador que, por motivos já explicitados, está por deixar de existir, porém nas comunidades orais ainda podemos encontrá-los, velhos contadores de estórias que baseados na própria experiência ou nas experiências de outros vão tecendo suas narrativas. Entendemos que contar aos outros a vivência de sua comunidade torna a identidade e a cultura de um povo viva, mesmo que haja a escrita é importante continuar o contar de estórias.

Comprendemos que António Jacinto ao escrever este conto optou pelo tema da colonização, a cultura e a identidade do povo angolano; ao trazer o contador de histórias Vôvô Bartolomeu, assim Jacinto conseguiu de forma sucinta trabalhar a importância das pessoas mais velhas numa comunidade, evidenciando que a narrativa oral contribui para a circularidade do conhecimento entre as futuras gerações. Vôvô Bartolomeu, por sua experiência de vida, sabia que choveria ao meio dia apenas por contemplar o céu pardacento. A informação adquirida ao longo do tempo revela a sabedoria existente no protagonista e fortalece a função espiraloide da narrativa contemporânea.

O menino, enquanto narrador do conto, narra alguns fatos sobre a colheita que neste ano tinha sido boa. Percebemos que toda a comunidade trabalhava de forma unida com vários objetivos na vida:



Ali estava o pessoal a meter na cubata o milho todo, por causa da chuva. Homens fortes de verdade! Aquele milho bonito que devia dar pra pagar as contas e o alembamento. Ainda devia chegar pró imposto e escapar de ir no contrato. Se o imposto subiu? Não sei, mas parece que este ano o imposto está mais caro! (JACINTO, 1979, p. 22).

Jacinto apresenta o tema da colonização exemplificando como os angolanos tinham que trabalhar em regime de escravidão para pagar as taxas do imposto estabelecido por Portugal. De forma que se algum angolano não pagasse a dívida tinha de ir “no contrato”, ou seja, ir para as plantações de São Tomé e Príncipe, trabalhar nas roças de café ou de milho, sendo assim afastados da família por vários dias e até meses, a fim de quitar a dívida com a coroa portuguesa. Portanto, António Jacinto foi um intelectual que soube legitimar a voz de quem, naquele momento, estava sufocado. É o tipo de intelectual que Said (2005) descreve como aquele que tem vocação para representar uma mensagem, um ponto de vista para e também por um público. Nesse sentido, Edward Said, enfatiza que o intelectual é aquele que:

[...] age com base em princípios universais: que todos os seres humanos têm direito de contar com padrões de comportamento decentes quanto à liberdade e à justiça da parte dos poderes ou nações do mundo, e que as violações deliberadas ou inadvertidas desses padrões têm de ser corajosamente denunciadas e combatidas. (SAID, 2005, p. 26).

Portanto, António Jacinto é um dos intelectuais angolanos que representou a resistência do seu povo e a força de luta por outros ideais. O narrador menino apresenta no conto de Jacinto o prenúncio da libertação de Angola, bem como de vários outros países africanos. Eram os jovens que com esta força demonstrada no conto fariam com que vários movimentos e lutas tomassem corpo para assim, iniciar o processo de libertação de sua nação.

### **Considerações finais**



António Jacinto, por meio dos personagens protagonistas do conto *Vôvô Bartolomeu*, bem como da atitude do jovem narrador denuncia e anuncia uma outra história para Angola, especialmente ao enfatizar a esperança de que um dia pudesse chegar a libertação, pois embora sob o domínio português, mantinha-se firme no propósito de reafirmar a cultura e identidade do seu povo.

Considerando o exposto acima, é possível afirmar que António Jacinto foi um escritor que não estava alienado ao seu contexto histórico-social e político, foi um intelectual que buscava sempre unir as questões sociais com a literatura, destacando em sua produção os conflitos existentes na sociedade angolana durante o momento histórico da colonização, a fim de reeducar o olhar sobre a cultura angolana e suas representações na contemporaneidade. Dessa forma, ao unir o histórico ao ficcional, o autor conseguiu registrar não apenas o contexto histórico vivenciado por Angola como também apresentou traços da subjetividade e da personalidade forte e guerreira do seu povo, as quais não cabem no registro oficial.

### **Referências**

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Panorama histórico da literatura angolana. In: **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa.** / organizadoras Rita Chaves e Tania Mâcedo. – São Paulo: Alameda, 2006.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CALZOLARI, Tereza Paula Alves. **Antônio Jacinto: Uma revelação no compasso da Angolanidade.** In: **África & Brasil: letras em laços** / organizadoras Maria do Carmo Sepúlveda Campos, Maria Teresa Salgado. \_ São Caetano do Sul: Yendis Editora.



---

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)** / Jean Chevalier, Alain Gheerbrant, com a colaboração de: André Barbault... [et al.]. – 27ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Editora Ática, São Paulo, 1987.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JACINTO, António. **Poemas** / António Jacinto. \_ \_ Luanda: Edições Maianga, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vôô Bartolomeu**. Editora: Edições 70. São Paulo. 1979.

MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henry. Da Imagem ao Imaginário. IN: **Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura**. 2001. P. 48-66.

MAQUÊA, V. L. R. **Memórias inventadas: Um estudo comparado entre *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum e *Um rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra*, de Mia Couto**. 2007. Tese de Doutorado – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, USP, São Paulo / SP.

MOTTA, Sérgio Vicente. **O engenho da narrativa e sua árvore genealógica: das origens a Graciliano Ramos e Guimarães Rosa**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. Edward W. Said; tradução Milton Hatoum. \_ São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

